



CIRCUITO ESPACIAL DE PRODUÇÃO E CÍRCULO DE COOPERAÇÃO DO BORDADO ARTESANAL E O USO DO TERRITÓRIO NO MUNICÍPIO DE TIMBAÚBA DOS BATISTAS - RN

Irami Rodrigues Monteiro Júnior¹
Anieres Barbosa da Silva²

RESUMO

A escolha do recorte de estudo, o município de Timbaúba dos Batistas, se dá pela sua atuação na produção do bordado artesanal e por ser considerado um dos principais produtores da região do Seridó. Assim, o objetivo da pesquisa em tela é compreender os circuitos espaciais de produção, os círculos de cooperação da produção da atividade do bordado artesanal e o uso do território no referido município. A pesquisa recupera, de modo sucinto, a discussão sobre: a) o circuito espacial produtivo; b) o círculo de cooperação no espaço e c) o território e o uso do território, conceitos principais do trabalho em tela. Os procedimentos metodológicos utilizados envolvem a pesquisa bibliográfica, coleta e sistematização de trabalho de campo. A partir desse último, entrevistamos 242 autônomas, 3 bordadeiras empreendedoras dispostas nesse território e representantes de instituições públicas e privadas. A revisão bibliográfica foi pautada a partir de autores que debruçaram suas pesquisas acerca dos conceitos elencados anteriormente. O estudo específico do bordado artesanal desse município traz ao debate a importância dos sistemas associativista e cooperativista para a manutenção do circuito espacial produtivo do bordado artesanal, circuito mantido por bordadeiras autônomas e empreendedoras. Os resultados observados até o momento permitem apontar que o circuito espacial produtivo é dinâmico e complexo, e que o circuito da atividade do bordado artesanal possui codependência do círculo de cooperação, que por sua vez, é constituído por empresas e instituições públicas e privadas para o desenvolvimento de etapas do circuito relacionadas à circulação, distribuição e consumo.

Palavras-chave: Bordado artesanal, Produção, Circuito espacial de produção, Círculo de cooperação, Território usado.

ABSTRACT

The choice of the study section, the municipality of Timbaúba dos Batistas, is due to its role in the production of handmade embroidery and for being considered one of the main producers in the Seridó region. Thus, the objective of the on-screen research is to understand the spatial circuits of production, the cooperation circles in the production of artisan embroidery activity and the use of territory in that municipality. The research briefly recovers the discussion on: a) the productive spatial circuit; b) the circle of cooperation in space and c) the territory and the use of territory, main concepts of the work on canvas. The methodological procedures used involve bibliographical research,

¹ Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (PPGG-UFPB), iramirrodriques@outlook;

² Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (PPGG-UFPB), anieres.barboda@academico.ufpb.br.



collection and systematization of field work. From the latter, we interviewed 242 self-employed women, 3 entrepreneurial embroiderers located in this territory and representatives of public and private institutions. The literature review was based on authors who focused their research on the concepts listed above. The specific study of artisanal embroidery in this municipality brings to the debate the importance of associative and cooperative systems for the maintenance of the productive spatial circuit of artisanal embroidery, a circuit maintained by autonomous and entrepreneurial embroiderers. The results observed so far allow us to point out that the productive spatial circuit is dynamic and complex, and that the circuit of craft embroidery activity is co-dependent with the circle of cooperation, which in turn, is constituted by companies and public and private institutions for development circuit stages related to circulation, distribution and consumption.

Keywords: Craft embroidery, Production, Production space circuit, Cooperation circle, Used territory.

INTRODUÇÃO

O bordado artesanal da região do Seridó, no estado do Rio Grande do Norte, é uma expressão que perpassa aos tempos, com características singulares materializadas, principalmente, no território de Timbaúba dos Batistas-RN. Datada do final do século XVII e início do século XVIII, o bordado foi trazido pelas esposas dos colonizadores, as quais podem ser consideradas como as precursoras do processo de territorialização da atividade na região. Isso porque modelos produzidos assemelham-se aos confeccionados na Ilha da Madeira, em Portugal (BATISTA, 1988).

Por décadas essa atividade na região do Seridó ficou restrita às camadas sociais mais abastadas, haja vista que, os preços e a acessibilidade aos insumos necessários à fabricação do bordado eram caros e de difícil acesso (BRITO, 2010; 2013). O bordado artesanal no âmbito da formação de mercado produtor e consumidor teve que passar por um longo processo de adaptações e evolução técnica.

O circuito espacial de produção do bordado artesanal do município de Timbaúba dos Batistas é um processo complexo, que abrange uma série de etapas produtivas, articuladas entre si, desde aquisição da matéria-prima até o consumidor final, aportado nos diversos agentes envolvidos em sua lógica de localização e organização espacial, caracterizando um processo dinâmico criando intensidade de fluxos de pessoas, mercadorias e produtos em permanente circulação e, sobretudo, representa um processo



espacial, considerando que os fluxos gerados pelo trabalho comum das etapas da produção implicam uso do território.

A justificativa para a realização da pesquisa está assentada na perspectiva de entender como esse fenômeno social se comporta no espaço geográfico. Além disso, objetiva a compreensão da totalidade da produção da atividade do bordado artesanal, bem como da circulação, da distribuição e do consumo, municiado pelo surgimento dos espaços de conflitos acentuados pela divisão social do trabalho. Para isso, as nossas reflexões estarão pautadas na teoria dos circuitos espacial de produção, concebida por Milton Santos.

Ainda justifica a realização do estudo o fato de que, no nosso entendimento, o tema abordado é relevante e pertinente, pois os trabalhos que têm como referência teórica os circuitos espaciais de produção abrem um leque de possibilidades para se discutir o objeto de estudo da Geografia. Há muitos trabalhos abordando essa teoria, contudo no formato aqui proposto, isto é, o bordado artesanal, pode-se dizer que o presente trabalho é dotado de originalidade e abre novas perspectivas para diálogos, discussões, contraposições e suporte às análises e reflexões da Geografia Econômica.

Nesse sentido, a questão central que move as nossas inquietações está assim formulada: como os circuitos espaciais de produção da atividade do bordado artesanal e aos círculos de cooperação se articulam no território de Timbaúba dos Batistas? Na busca de respostas para esse questionamento, a pesquisa ora em pauta tem como objetivo principal compreender a totalidade e as especificidades dos circuitos espaciais de produção e os círculos de cooperação de produção do bordado artesanal e o uso do território do município de Timbaúba dos Batistas, localizado na região do Seridó do Rio Grande do Norte.

METODOLOGIA

Com relação à classificação da pesquisa, no que diz respeito ao seu tipo e objetivos, classificamos como um trabalho de cunho quali-quantitativo e exploratório. No tocante ao método, nesse caso estamos utilizando o método dialético por acreditarmos que esse método oferece subsídios de reflexão que responderam as indagações propostas nesse trabalho. Dessa forma, a dialética é a estrutura contraditória do real, que



no seu movimento constitutivo passa por três fases segundo Marx (1976), o método dialético pode ser esquematizado da seguinte forma: a tese, a antítese e a síntese.

Os aspectos metodológicos foram divididos em três etapas: 1) trabalho de gabinete, no qual foram obtidos dados secundários e realizado o levantamento e a revisão bibliográfica; 2) trabalho de campo, com a realização de entrevistas semiestruturadas, aplicação de formulários aos sujeitos que compõem o circuito espacial de produção e o círculo de cooperação e registros fotográficos de imagens que expressem à realidade empírica dos conceitos discutidos no trabalho, e 3) a sistematização e análise dos dados e informações obtidas. Assim, com base nesses procedimentos, o trabalho ora em pauta é de cunho quali-quantitativo e exploratório.

O levantamento e a revisão bibliográfica se deram no catálogo de dissertações e teses da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no intuito de coletar informações e aportes teóricos em obter livros, teses, dissertações e artigos. A busca foi realizada a partir de palavras-chaves, como uso do território, circuito espacial de produção, círculos de cooperação, e bordado artesanal.

O trabalho de campo foi iniciado com coleta de informações na Casa das Bordadeiras, onde realizamos entrevista com a coordenadora da Casa. Na sequência, a pesquisa de campo foi realizada na ARTESOL (Artesanato Solidário), que atua no circuito espacial produtivo e no círculo de cooperação do bordado artesanal. Também foram aplicados formulários sobre questões estratégicas na Associação das Bordadeiras de Timbaúba dos Batistas (ASBTIMBA) e na Cooperativa das Mãos Artesanais de Timbaúba dos Batistas (COMART), cujo objetivo foi obter dados relacionados à quantidade de pessoas envolvidas no processo de confecção do bordado, quantitativo de peças confeccionadas, público alvo de mercado, abrangência de mercado, origem da matéria-prima, distribuição dos produtos e capacitação dos associados e cooperados.

Para entender e montar o circuito espacial de produção a pesquisa se debruçou acerca de visitas in loco para observar as etapas de confecção, entrevistas e aplicação de formulários às bordadeiras. Essa fase do trabalho de campo se constituiu como uma etapa fundamental para compreensão do processo geral do circuito espacial de produção, pois é na fase da confecção que o produto se materializa, ou seja, da matéria-prima ao consumidor final. Por fim, cabe acrescentar que o trabalho de campo também buscou dados no Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), no escritório regional do Seridó, na cidade de Caicó-RN. Durante a



pesquisa, as bordadeiras apontaram essa instituição como a principal parceira da atividade.

REFERENCIAL TEÓRICO

A categoria central de reflexão é o “território usado” (SANTOS, 2005), sinônimo de espaço geográfico e relativo a porções do espaço efetivamente usadas pelo Estado, pelas empresas e pela sociedade civil. O uso do território muda de acordo com as pessoas, instituições e empresas, pela sua origem, sua força, sua intencionalidade e seus conflitos que ocorre nas diversas escalas (SILVEIRA, 2011). “O território usado é assim uma arena onde fatores de todas as ordens, independentemente da sua força, apesar de sua força desigual, contribuem à geração de situações” (SILVEIRA, p. 05, 2011).

O território, para Milton Santos, não é organizado somente pelo Estado, como também não está restrito à dimensão política do espaço, ou seja, não é apenas um espaço delimitado pelas relações de poder. Há também o uso e apropriação do território por outros agentes hegemônicos e não hegemônicos. O território engloba as relações de poder, assim como as relações econômicas e simbólicas (QUEIROZ, 2015). O território é formado pelas diferentes territorialidades e pelo uso e apropriação do espaço pelos os diferentes agentes da instância pública e privada. Para Milton Santos, o território também é formado por superfícies (as estruturas econômicas, políticas e culturais), por linhas (as redes) e por pontos (os lugares) (RAFFESTIN, 1993).

Assim, “o território, hoje, pode ser formado de lugares contíguos e de lugares em rede: as redes constituem uma realidade nova que, de alguma maneira, justifica a expressão verticalidade” (SANTOS, 2005, p. 256). Daí afirmarem como autores do território, os movimentos da população, a distribuição da agricultura, da indústria e dos serviços, o arcabouço normativo, incluídas a legislação civil, fiscal e financeira que, juntamente com o alcance e a extensão da cidadania, configuram as funções do novo espaço geográfico, o território usado. Compreendendo sua participação no circuito espacial de produção e os círculos de cooperação, aonde pautamos as atividades através das orientações metodológicas de Santos (1994).

O uso do território combinado pelo circuito espacial de produção e o círculos de cooperação é uma ferramenta para compreender o espaço geográfico. Dessa forma, os



conceitos de circuito espacial da produção e círculos de cooperação no espaço tornam-se imprescindíveis para a melhor compreensão dessa articulação e suas implicações socioespaciais. Segundo Castillo e Frederico (p. 463, 2010) “a noção de circuito espacial produtivo enfatiza a centralidade da circulação (circuito) no encadeamento das diversas etapas da produção”, da matéria-prima ao consumo (SANTOS, 1994). Isso porque, segundo Milton Santos, os circuitos produtivos acontecem no espaço em instâncias separadas, mas não desarticulada ao longo da construção de momentos históricos que ajuda a compreender a organização do espaço (SANTOS, 2014), ou do território usado, sinônimos de espaço geográfico.

Os usos podem ser de diferentes formas e intenções, mas hoje o uso corporativo do território evidencia cada vez mais a perversidade. Para compreender esses usos, é necessário analisar o território a partir do conjunto de objetos e ações indissociavelmente (KAHIL, 2010, p. 480).

A teoria dos circuitos espaciais de produção e o tema central do estudo. A partir da atividade do bordado artesanal no território de Timbaúba dos Batistas e ao longo da pesquisa bibliográfica nos deparamos com grandes entreves no ajuntado de material, principalmente, junto à produção do bordado artesanal. Talvez pela complexibilidade de como entender os processos dinâmicos da produção do bordado artesanal e o movimento constante e acelerado do território. Nessa perspectiva, Santos e Silveira (2001) afirmam que “para entendermos o funcionamento do território é preciso captar o movimento, daí a proposta de abordagem que leva em conta os circuitos espaciais da produção” (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 143).

Desse modo, os círculos de cooperação se constituem como “fatos de ser um atributo da divisão territorial do trabalho e de isso possibilitar que a produção seja executada pela combinação de trabalhos parciais que fundamentam a teoria dos circuitos espaciais produtivos, a qual se apresenta como uma perspectiva geográfica de apreensão da dinâmica de ramos econômicos” (SALVADOR; SILVA, p. 125, 2017). Haja vista que, totalizam as teias de relações, subsidiando e estabelecendo integrações que visam o fortalecimento de integrações e abrangência do setor no que se refere à inovação técnica ou até mesmo informacionais (ARAÚJO, 2013). Ademais, se caracterizam pela solidariedade ao circuito espacial, no caso do bordado artesanal, os círculos de cooperação auxiliam desde a criação da ideia do bordado até a distribuição e consumo. Dessa forma, “os círculos de cooperação são mecanismos que influenciam



diretamente a configuração do circuito espacial de produção e, conseqüentemente, a configuração territorial” (BOTELHO, 2010, p. 53).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O circuito espacial produtivo do bordado artesanal no município de Timbaúba dos Batistas-RN é complexo e cheio de ramificações diretamente relacionadas ao círculo de cooperação. A construção do circuito espacial produtivo a partir da circulação de objetos materiais e imateriais na instância geográfica em momentos separados, desde a matéria-prima, a produção, distribuição e consumo do bordado artesanal, em movimento permanente é singular usando os equipamentos do território.

Durante o trabalho de campo percebemos dois grupos distintos atuando no circuito, as bordadeiras autônomas e as bordadeiras empreendedoras o que aumenta a sua complexidade. As bordadeiras empreendedoras são ex-bordadeiras que saíram da condição de produtoras para assumir a gestão do ramo. Além disso, a capacidade de inovação entendida a partir da categorização de inovação incremental, ou seja, adaptações do processo de produção do bordado artesanal, resolução de problemas proveniente da produção, distribuição e consumo. Nessa perspectiva, conseguimos identificar três bordadeiras que coordenam todas as fases da produção, ou seja, terceiriza todos os processos do circuito.

Cada empreendedora possui um grupo seletivo de bordadeiras que juntas somam 193 mulheres que bordam exclusivamente suas peças, distribuídas entre os municípios de Timbaúba dos Batistas, a maior parte, 97%, Serra Negra do Norte, 1,8% e Caicó, 1,2%. Essas diligentes têm uma relação direta com a COMART, pois é através da cooperativa que obtêm a matéria-prima (tecidos, linhas, artigos de cama, mesa e banho), em seguida distribui esses insumos para o riscador/design que desenha o bordado no tecido. Depois, segue para as bordadeiras que borda de acordo com a necessidade da bordadeira empreendedora, que obedece a lógica do mercado. Por fim, o processo de lavagem e passagem das peças que também é terceirizada e a embalagem e estocagem que fica a cargo das próprias bordadeiras empreendedoras.

Já as bordadeiras autônomas são aquelas que detêm o controle de todas as etapas do processo produtivo do bordado artesanal, isto é, não terceiriza, o trabalho se dar na escala familiar (Fotografia 1).

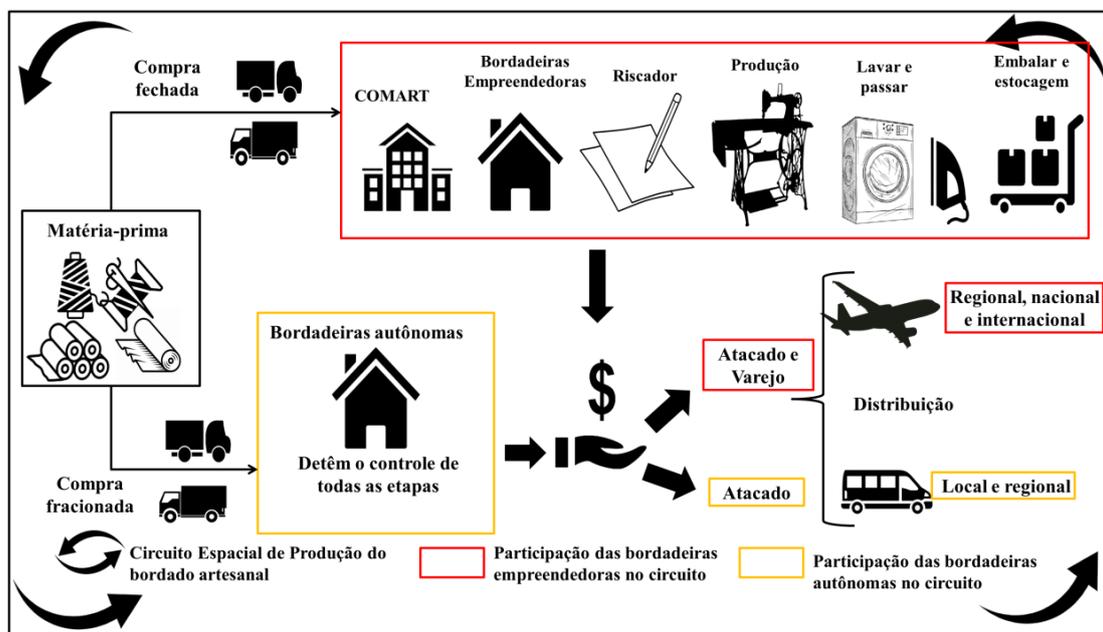
Fotografia 1 - Bordadeiras autônomas que compõem o circuito espacial de produção do município de Timbaúba dos Batistas – RN



Fonte: Trabalho de campo (2020 – 2021). Acervo dos autores.

A obtenção de matéria-prima é diretamente com o fornecedor e a compra é fracionada, isso se dá pelo pouco capital financeiro e pela reduzida capacidade de produção e escassa mão de obra. Além disso, a comercialização da produção das bordadeiras autônomas acontece diretamente com o cliente sobre encomenda limitando sua distribuição no atacado, sem a criação de estoque, ou seja, acumulação flexível just-in-time. Ademais, as bordadeiras empreendedoras possuem capital financeiro e capital mercadoria, o que permite a formação de estoque abrangendo a comercialização, tanto no atacado como no varejo (Figura 1).

Figura 1 - O circuito espacial produtivo do bordado artesanal do município de Timbaúba dos Batistas-RN simplificado



Fonte: Trabalho de campo (2020-2021). Elaborado pelos os autores.

Essa conjuntura influencia diretamente na escala de distribuição da produção e alcance de mercado. As bordadeiras empreendedoras por todos os motivos já elencados (capacidade de produção terceirizada, capital financeiro e de mercadoria) consegue ampliar a distribuição da produção do âmbito local ao internacional, no entanto, a negociação, geralmente, ainda é por meio de atravessadores, o que restringe a negociação de valores. As bordadeiras autônomas, por sua vez, também restritas pelas condições mencionadas anteriormente, circunscreve a sua atuação ao mercado local e regional, contudo, a negociação dos preços é diretamente com os clientes excluindo a presença do atravessador.

No início da análise e reflexão cogitamos a existência de dois circuitos espaciais de produção do bordado artesanal, um composto pelas bordadeiras empreendedoras e outro pelas autônomas. Contudo, mesmo nos debruçando em resultados preliminares podemos concluir que, esses dois atores formam um circuito único, ou seja, o circuito espacial de produção do bordado artesanal, pois em vários momentos esses dois elementos se entrelaçam. As bordadeiras empreendedoras contrata a mão de obra das bordadeiras autônomas quando há excesso de demanda; compra a mercadoria das



bordadeiras autônomas; a obtenção dos insumos nos mesmos fornecedores; o uso de técnicas e a qualidade da produção são semelhantes ou idênticas e o uso dos equipamentos no território que compõe o círculo de cooperação. Esses elementos em algum momento são diluídos no circuito não podendo separar um circuito formado por especificidades e singularidade.

No que concerne aos círculos de cooperação que versam sobre a comunicação, informação, fluxo imaterial, norma, capitais etc, que atua na organização do espaço e auxilia o circuito espacial produtivo propiciando a especialização e organização dos lugares que conecta ao mundo globalizado. Os círculos de cooperação irão permitir que determinado produto pudesse ser confeccionado em várias partes do território, usando os equipamentos dispostos no próprio território, seja aqueles antes da instalação de determinada empresa, ou após sua instalação por intermédio do capital privado e/ou público.

Em relação ao círculo de cooperação atrelado ao circuito espacial de produção do bordado artesanal é formado por agentes que se utilizam do aparte técnico-científico para expandir as verticalidades, o que garante que o produto disponha das referências impostas pelo mercado consumidor nas diversas escalas de atuação. Esses agentes que forma o círculo de cooperação no território de Timbaúba dos Batistas (vertical) aliado aos agentes de outras escalas, regional, nacional e internacional (horizontalidade) representados pelas instâncias públicas e privadas fazem com que os bordados alcancem um maior mercado consumidor.

Os círculos de cooperação vão desde a capacitação técnica, financeira, operacional e logística. O SEBRAE e a ARTESOL que é uma organização da sociedade civil brasileira, sem fins lucrativos que apoia artesãos de todo o território brasileiro têm sido o principal elo ofertando cursos técnicos, logísticos e operacionais as bordadeiras, tanto empreendedoras e autônomas, objetivando a ampliação do mercado e da produção. Os agentes públicos na constituição dos círculos de cooperação são muito importantes, seja pela assistência financeira ou pela normatização (Figura 2).

Figura 2 - O círculo de cooperação do bordado artesanal de Timbaúba dos Batistas – RN



Fonte: Trabalho de campo (2020-2021). Elaborado pelo os autores.

O município de Timbaúba dos Batistas é solidário e participativo no circuito espacial produtivo e justamente com a Casa das Bordadeiras que é mantida pelo município presta assistência estrutural para os cursos de capacitação em parceria com outros órgãos, como o SEBARE. A casa das bordadeiras é um espaço preparado para desenvolver todas as etapas da produção do bordado artesanal, o qual é usado pelas bordadeiras que não dispõem de estrutura e maquinário. Esse espaço é gerido por bordadeiras que conhecem o processo, as dificuldades e os anseios da comunidade.

O estado Rio Grande do Norte (RN) nos últimos anos têm atuado normatizando os produtos artesanais do estado. No tocante ao bordado artesanal, da região do Seridó, houve um avanço na gestão da ex-governadora Wilma de Faria, por intermédio da ASBTIMBA, cujo Decreto nº 19.767 de 24/04/2007, que versa sobre Regulamento do Imposto sobre Operações Relativas à Circulação de Mercadorias e sobre Prestações de Serviços de Transporte Interestadual, Intermunicipal e de Comunicação (RICMS), instituiu que nas saídas internas de produtos com bordados típicos regionais identificados pela marca "Seridó Bordados", produzidos no estado, de forma que a carga tributária seja equivalente a 1% do valor das operações, ou seja, o ICMS para esses produtos é de apenas um 1% sobre 100% da produção comercializada.



Além disso, governo do RN a partir do ano de 1995 que tem investido na Feira Internacional de Artesanato (FIART) que tem como objetivo promover o artesanato e fomentar negócios para a cadeia produtiva do setor no estado, sendo desenvolvida anualmente na capital, a cidade do Natal, forte sítio turístico. Neste evento, o maior do estado, os bordados de Timbaúba dos Batistas ganham notoriedade. As feiras compõe o círculo cooperação sendo um importante instrumento para os artesãos do bordado artesanal para fazer laços de comercialização e divulgação dos produtos no âmbito regional, nacional e internacional, como a Feira de Artesanato dos Municípios do Seridó (FAMUSE) que ocorre durante a festa de Sant'Ana, na cidade de Caicó, principal evento da região, Feira Nacional de Artesanato, Rotas do Brasil, MG, Feira Internacional de Artesanato de Pernambuco (FENEARTE) etc, essas foram as principais feiras apontadas pelas bordadeiras.

Atrelado a essa conjuntura está o papel da ASBTIMBA e da COMART que apesar de por Lei ter papéis distintos atuam na convergência do fortalecimento da atividade. A associação fortifica a mobilização social e a cooperativa versa pela normatização, pela compra de insumos e venda da produção dos cooperados e ainda, dando suporte ao artesão associado e cooperado a inserirem no mercado fortalecendo as organizações sociais. Essas essenciais para competir com as grandes empresas e organizações financeiras capitalistas.

As instituições financeiras são outro agente fundamental nos círculos de cooperação, que impactua diretamente na produção e distribuição. No caso bordado artesanal, o Banco do Brasil pela Estratégia Negocial de Desenvolvimento Regional Sustentável (DRS) que objetiva apoiar atividades produtivas respeitando a diversidade cultural e as tradições, distribuiu até 2006 1 bilhão de reais sendo esse o principal segmento estratégico de linha de crédito as bordadeiras. Desse programa crédito, juntamente com os Correios, outro agente do círculo de cooperação que opera, principalmente, na etapa da distribuição nacional, inaugurou o marco da exportação do bordado artesanal de Timbaúba dos Batistas para países da América Latina, Argentina e Chile, da Europa, Portugal, França, Holanda, Suécia e Vaticano, do continente Asiático, Japão e africano, África do Sul e Marrocos. Isso representa um volume de exportações, desde 2006 apenas 1%, o que representa um mercado interno fortalecido e potencial mercado para exportação.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O circuito espacial de produção do bordado artesanal do município de Timabúaba dos Batistas – RN é complexo pelas ramificações e usos dos equipamentos dispostos no território. Durante a análise inicial do circuito produtivo do bordado artesanal percebemos duas formas singulares de atuação dos agentes de produção em si, as bordadeiras empreendedoras e autônomas.

O circuito espacial de produção torna-se complexo, contraditório e desigual, pois a produção e os usos do território por esses agentes são diferentes dependendo vértice que se olha para dentro do circuito. As bordadeiras empreendedoras controlam a logística, a produção e a distribuição do bordado artesanal. Estas utilizam os agentes dispersos no território como a COMART, os correios, bancos, agentes privados e públicos, ao passo que, as bordadeiras empreendedoras utilizam a mão de obra das bordadeiras autônomas.

A produção das bordadeiras autônomas é consumida local e/ou regional. Já as empreendedoras superam as barreiras do território conseguindo atingir a comercialização no âmbito nacional e internacional. Contudo, isso só é possível por causa das bordadeiras autônomas, haja vista que, a confecção dos bordados artesanais fica a cargo das bordadeiras autônomas. Estas por sua vez, não usam os equipamentos dispostos no território de Timabúaba dos Batistas, pois seu limite de atuação fica reduzido, sem capital de crédito, sem logística de operacionalização e consequentemente distribuição da produção.

Ademais, o uso do território de Timabúaba dos Batistas pelo circuito espacial de produção do bordado artesanal pelos agentes públicos e privados em muito beneficia a atuação das bordadeiras empreendedoras dentro do circuito. Nesse sentido, o círculo de cooperação disposto nesse território e outros, como no caso do território de Caicó, Serra Negra do Norte que, desses utilizam mão de obra, matéria-prima e informações, além de outros, consagra o circuito espacial de produção do bordado artesanal como complexo e contraditório.

Os agentes estão dispostos no território, mas todos não podem utilizar, ou seja, ao passo que as bordadeiras empreendedoras conseguem fazer uso dos agentes do círculo de cooperação (banco, empresas privadas, associações e cooperativas) a atuação



das bordadeiras autônomas é limitada pela falta de organização dos espaços de produção internos, pela falta de linhas de créditos que permita expandir a produção que por sua vez limitam a capacidade de contratação de mão de obra.

Por conseguinte, a análise do circuito espacial de produção e o círculo de cooperação no território de Timbaúba dos Batistas são dialéticos. O uso do território é visto em várias etapas do circuito produtivo e os agentes principais são as bordadeiras autônomas e empreendedoras, pois são elas que forma, transforma e utiliza os mecanismos dispostos no território em constante transformação.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Adriana Paula Medeiros. "**Bordados do Seridó**": uma experiência etnográfica com as bordadeiras do município de Caicó-RN. Orientadora: Eliane Tânia Martins de Freitas. 2013. 139 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/12286>. Acessado em: 09 mai. 2020.

BATISTA, Iracema Nogueira. **O BORDADO ARTESANAL DE CAICÓ**: as relações de produção. 1988. 71 f. Monografia (Título de especialização) Departamento de Geografia. Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1988.

BOTELHO, Raimundo Edson Pinto. **O circuito espacial de produção e os círculos de cooperação da soja no Maranhão no período técnico-científico informacional**. Orientador: Aldo Aloísio Dantas da Silva. 2010. 220 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/18905>. Acessado em: 22 abr. 2020.

BRITO, Thaís Fernanda Sales. **Bordados e bordadeiras**: Um estudo sobre a produção artesanal de bordados em Caicó. Orientadora: Fernanda Arêas Peixoto. 285f. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-15122011-175001/en.php>. Acessado em: 08 ago. 2021.

BRITO, Thaís Fernanda Salves de. Narrativas, repertórios e aprendizado: bordados e bordadeiras. **ILUMINURAS**, v. 14, n. 34, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/issue/view/2267>. Acessado em: 02 jun. 2021.

FREDERICO, S; CASTILLO, R. Circuito espacial produtivo de café e competitividade territorial no Brasil. **Ciência Geográfica, Bauru**, v. 10, n. 3, p. 236-241, 2004.



KAHIL, Samira Peduti. Psicoesfera: uso corporativo da esfera técnica do território e o novo espírito do capitalismo. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 22, n. 3, p. 475-485, 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/issue/view/550>. Acessado em: 26 set. 2020.

MARX, Karl. **Miséria da filosofia**. São Paulo: Grijalbo, 1976.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SALVADOR, Diego Salomão Cândido de Oliveira; SILVA, Eulália Jéssica Medeiros. CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA DE CIRCUITO ESPACIAL DE PRODUÇÃO: SUBSÍDIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA A APREENSÃO DE DINÂMICAS TERRITORIAIS. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 13, n. 3, 2017. Disponível em: <https://rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/3241>. Acessado em: 04 out. 2020.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: **OSAL: Observatorio Social de América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, p. 251-261, 2005.

_____. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **Espaço e método**. 5º ed. 2º reimp. São Paulo: EDUSP, 2014.

SILVEIRA, Maria Laura. Território usado: dinâmicas de especialização, dinâmicas de diversidade. **Ciência Geográfica - Bauru - XV - Vol. 15, n. 1, p. 1-12, 2011.**

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. São Paulo: Record, 2001.

QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira. Espaço geográfico, território usado e lugar: ensaio sobre o pensamento de Milton Santos. **Para Onde!?**, v. 8, n. 2, p. 154-161, 2014. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/paraonde/article/view/61589>. Acessado em: 11 mai. 2021.